

FREIDA McFADDEN

A PORTA
TRANCADA

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para Libby e Melanie (como sempre)

Prólogo

Faz hoje vinte e seis anos que um homem chamado Aaron Nierling foi preso em sua casa no Oregon.

A maioria das pessoas conhecia Nierling como um cidadão íntegro. Tinha um emprego estável e era um marido e pai dedicado – um homem de família. Nunca tinha sequer recebido uma multa de estacionamento na vida. Nunca estivera certamente em apuros com a lei.

No entanto, após uma denúncia anónima, a polícia descobriu os restos mortais de Mandy Johansson, de vinte e cinco anos, atrás da porta trancada da oficina na cave de Aaron Nierling.

Ossos preservados de dezassete outras vítimas que tinham sido dadas como desaparecidas ao longo da última década foram também encontrados numa arca na cave. Durante a investigação policial, Nierling foi associado a pelo menos dez outros homicídios, ocorridos num período de mais de vinte anos, mas não foram encontradas quaisquer provas forenses que o confirmassem.

Nierling aceitou declarar-se culpado para escapar à pena de morte e encontra-se, atualmente, a cumprir dezoito penas perpétuas consecutivas num estabelecimento prisional de segurança máxima. A sua esposa foi também acusada de cumplicidade nos homicídios, mas suicidou-se na prisão antes de ir a julgamento.

A imprensa proclamou Aaron Nierling como um génio, que conseguiu esquivar-se eficazmente à polícia e ao FBI durante duas décadas até ser finalmente capturado. É excepcionalmente carismático e encantador – quando o quer ser. É um narcisista e um psicopata, que provavelmente matou pelo menos trinta mulheres sem qualquer sinal de remorsos. É um louco. É um monstro. É também o meu pai.

E stá alguém a observar-me. Consigo senti-lo. Logicamente, não faz sentido alguém ser capaz de sentir o olhar de outra pessoa na nuca, mas, de alguma forma, consigo fazê-lo neste momento. É uma sensação de formigueiro que começa no meu couro cabeludo e se arrasta até à base do meu pescoço, descendo depois pela minha coluna.

Vim para este bar sozinha. Gosto de estar sozinha – sempre gostei. Sempre que tive opção, escolhi a minha própria companhia. Mesmo quando vou a um restaurante, mesmo quando estou rodeada pelo zumbido grave de outras pessoas a conversar entre si, prefiro sentar-me sozinha.

Diante de mim está a minha bebida preferida – um *Old Fashioned*. Nas noites em que não me apetece ir diretamente para casa, venho sempre ao Christopher's. É escuro e anónimo, com fumo de cigarro entranhado nos balcões do bar. Está também geralmente bastante vazio e os empregados não são propriamente desagradáveis à vista. Às vezes, ocupo uma cabine, mas esta noite estou sentada ao balcão, de olhos fixos na minha bebida, a ver o único cubo de gelo desintegrar-se lentamente enquanto o formigueiro na minha nuca se intensifica.

Oiço vagamente a gritaria vinda da televisão em pano de fundo. Na maior parte das vezes, está a ser transmitido um jogo.

Mas esta noite está a dar um concurso. O rosto do apresentador enche o ecrã enquanto lê uma pergunta do cartão à sua frente.

Que amigo de Charles de Gaulle foi primeiro-ministro de França durante grande parte dos anos 1960?

Viro-me, tentando apanhar em flagrante seja quem for que tem estado a observar-me. Não tenho sorte. Há pessoas nas minhas costas, mas ninguém a olhar para mim. Ou, pelo menos, ninguém a olhar para mim *neste momento*.

Provavelmente é algo inocente. Talvez um homem a pensar em oferecer-me uma bebida. Ou alguém que me reconhece do trabalho.

Não quer dizer que seja alguém que sabe quem eu realmente sou. Nunca é. Devo apenas estar paranoica esta noite por ser o vigésimo sexto aniversário do dia em que toda a minha vida mudou.

O dia em que descobriram o que havia na nossa cave.

– Tudo bem, doutora?

O *barman* está inclinado para mim, os antebraços musculados apoiados no balcão ligeiramente pegajoso. É um empregado novo – só o vi um par de vezes. É ligeiramente mais velho do que o último, talvez trinta e muitos anos, como eu.

Puxo a gola do meu pijama cirúrgico verde. Foi por causa dele que me começou a tratar por «doutora». Na verdade, foi um palpite certo – sou cirurgiã geral. Por ser mulher, a maioria das pessoas vê o pijama cirúrgico e pensa que sou enfermeira, mas ele apostou em médica.

O meu pai deve estar orgulhoso, se souber. Sejam quais forem os sentimentos ou emoções que é capaz de sentir, o orgulho é certamente um deles – isso ficou claro no seu julgamento. Sempre quis ser cirurgiã, mas não teve notas para isso. Talvez se o tivesse conseguido, isso o tivesse impedido de fazer as coisas que acabou por fazer.

– Estou ótima – passo o dedo pela orla do meu copo. – Simplesmente ótima.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Como está a bebida? Como me sai?

– Bem.

É um eufemismo. Preparou-a na perfeição. Vi-o colocar o cubo de açúcar no fundo do copo – não se limitou a verter uma saqueta na bebida, como vi outros empregados de bar fazer. Pôs exatamente a quantidade certa de licor amargo. E não tive de lhe dizer para não usar água com gás.

– Tenho de lhe admitir – começou ele –, não esperava que pedisse um *Old Fashioned*. Não parece o seu género.

– Hum – tento manter qualquer interesse longe da minha voz, para que se afaste e me deixe em paz. Nunca me devia ter sentado ao balcão. Mas, para ser justa, os empregados aqui raramente são assim tão conversadores.

Ele abre um sorriso desarmante.

– Pensei que ia pedir um *Cosmopolitan* ou um vinho com limonada ou algo assim.

Mordo a bochecha para me impedir de responder. Adoro um bom *Old Fashioned*. É a minha bebida desde que tinha vinte e um anos, talvez até um pouco antes, para ser sincera. São escuros e inebriantes, um pouco doces e um pouco amargos. Enquanto bebo um trago da minha bebida, a minha irritação com o *barman* conversador evapora-se.

– Enfim – lança-me um último longo olhar. – Grite se precisar de mais alguma coisa.

Vejo-o afastar-se. Por uma fração de segundo, permito-me apreciar os músculos enxutos que sobressaem sob a sua *T-shirt*. É atraente de uma forma não ameaçadora, com o cabelo castanho-claro e uns suaves olhos castanhos. A penugem no seu rosto não é suficiente para ser considerada uma barba. É muito genérico – o tipo de sujeito que não se escolheria numa fila de suspeitos. Um pouco como o meu pai era.

Começo a contar pelos dedos o número de meses desde que tive um homem em minha casa. Depois, começo a contar os anos. Na verdade, podemos estar a entrar no território das décadas. Perdi a conta, o que é, por si só, perturbador.

Mas não estou interessada num encontro, nem com o *barman* atraente nem com ninguém. Há muito que decidi que os relacionamentos deixariam de fazer parte da minha vida. Houve um tempo em que isso me deixava triste, mas agora aceitei que é melhor assim.

Ergo novamente a minha bebida e faço rodopiar o líquido. Ainda tenho aquela sensação arrepiante na nuca, como se alguém me estivesse a observar. Mas talvez não seja real. Talvez esteja tudo na minha cabeça.

Vinte e seis anos. Mal consigo acreditar que foi há tanto tempo.

O apresentador do concurso no ecrã interrompe os meus pensamentos, arrancando-me o olhar da bebida.

Que assassino em série era geralmente conhecido como o Mãozinhas?

O *barman* olha para o ecrã e responde espontaneamente:

– Aaron Nierling.

O meu pai é uma resposta de concurso esta noite. Pode ser devido ao aniversário do seu encarceramento, mas é mais provável que seja uma coincidência. Por mais anos que passem, o que ele fez nunca será esquecido. Pergunto-me se estará a ver. Costumava gostar de concursos. Ser-lhe-á permitido ver televisão lá dentro? Não sei bem o que o deixam fazer na prisão. Não falo com ele desde que a polícia o levou.

Apesar de me escrever uma carta todas as semanas.

Afasto da cabeça quaisquer pensamentos sobre o meu pai enquanto bebo um trago da minha bebida, deixando que a agradável sensação de calor me invada. O *barman* está a limpar o balcão do outro lado do bar, os músculos fletidos debaixo da sua *T-shirt*. Olha fugazmente para mim – e pisca-me o olho.

Hum. Talvez a minha autoimposta abstinência não seja assim tão boa ideia. Matar-me-ia divertir-me por uma noite? Vestir outra coisa além de pijamas cirúrgicos? Ou deixar o meu cabelo preto solto, em vez de o prender num puxo apertado que faz os meus folículos pilosos gritar de agonia?

– Doutora Davis? É a senhora?

Ao ouvir a voz nas minhas costas, a agradável sensação de calor do uísque desaparece instantaneamente. Tinha razão. Estava *mesmo* alguém a observar-me. Quem me dera ter estado enganada só desta vez. Tudo o que queria era um pouco de sossego esta noite.

Durante dois segundos, pondero não me virar. Fingir que não sou realmente a Dra. Nora Davis. Que sou *outra* senhora de pijama cirúrgico verde que, por casualidade, é parecida com a Dra. Nora Davis.

Mas ao menos não me chamou Nora Nierling. Ninguém me chama isso há muito, muito tempo. E pretendo manter as coisas dessa forma.

O homem atrás de mim ronda os cinquenta anos e é baixo e corpulento. É quase de certeza um paciente. Não me lembro do nome, mas lembro-me de tudo o resto a seu respeito. Deu entrada no hospital com febre e dores abdominais. Foi diagnosticado com uma colecistite – uma infeção na vesícula. Tentámos removê-la laparoscopicamente com câmaras, mas, a meio do processo, tive de passar para uma cirurgia aberta. É assim que sei que, se erguesse a camisa sobre a barriga saliente, haveria uma cicatriz diagonal a atravessar-lhe a parte superior do abdómen do lado direito. Bem sarada, por esta altura, estou certa.

– Doutora Davis! – o homem sorri, exibindo uma fila de dentes amarelos e ligeiramente apodrecidos. – Estava a olhar para aqui e não tinha a certeza, mas... É *mesmo* a doutora. Oh, céus, não esperaria encontrá-la num sítio destes.

O que faz uma rapariga simpática como a senhora num sítio destes?
Ao menos, não comentou o meu *Old Fashioned*.

– Sim, bem – murmuro.

Quem me dera que me dissesse como se chama. Sinto-me em clara desvantagem. Tenho uma excelente memória para muitas coisas – podia desenhar todos os vasos sanguíneos que abastecem o intestino de olhos fechados –, mas não é o caso com o nome das pessoas. Vasculho as profundezas do meu cérebro, mas não encontro nada.